



DIA DAS CRIANÇAS

Nesta edição especial de outubro, mês das crianças, o *Cultura!* traz os poemas infantis de Antônio Carlos Policer e o terceiro e último conto da saga *Dias Contados*, de O. A. Secatto



Um pouco de

Cada arte...

O.A.
SECATTO

oasecatto@bol.com.br

www.oasecatto.com.br

O LIVRO DOS ANJOS

"Pois olha, Miguel. Olha ao teu redor e confirma com teus próprios olhos, irmão, a Profecia do Livro dos Anjos que se realiza. Tudo estava escrito. O menino não faz mais diferença. Acabou." Do conto Quando o céu caiu

Entre as cinzas daquela planície acharam um livro. Intacto. Sua capa era de algo parecido com metal, mas muito mais leve e suave ao toque do que qualquer metal conhecido pelo homem. Estranhos símbolos que não faziam sentido algum entre desenhos de uma luz ao centro e seres alados acima e abaixo. Tudo esculpido com perfeição divina.

Aqueles três meninos olharam em volta, mas não havia ninguém até onde a vista alcançava. Enrolaram o achado em seus panos e voltaram para o acampamento.

Depois do armagedon, pouco restou do mundo como fora um dia. Os poderes celestiais e os demônios haviam consumido a vida da Terra, deixando apenas migalhas dela nos poucos seres que perseveraram. Entre baratas e plantas rasteiras, o homem sobreviveu ao eclipse de uma era.

Eravam doze pessoas que andavam pelas planícies em busca de água e comida. Remontavam aos primeiros nômades, pois a terra não podia ser cultivada e de qualquer forma não tinham nem sequer ferramentas em mãos para isso. Uma anciã e uma mulher mais jovem cuidavam dos três meninos e de sete meninas mais novas. Eles tinham quinze, quatorze e onze anos; entre elas, a idade era de treze, doze, dez e sete. Crianças. Crianças num Éden desértico e de morte.

Já fazia três semanas desde que a última poça d'água de que dispunham secara. O grupo prosseguiu. Os meninos haviam aprendido com a anciã a fazer o reconhecimento dos lugares e o que procurar. O livro fora um acaso. Voltaram gritando.

— A profecia! A profecia!

— A profecia, Ma, a profecia! — disse um deles.

A mulher mais jovem interveio.

— O que acharam? Que profecia?

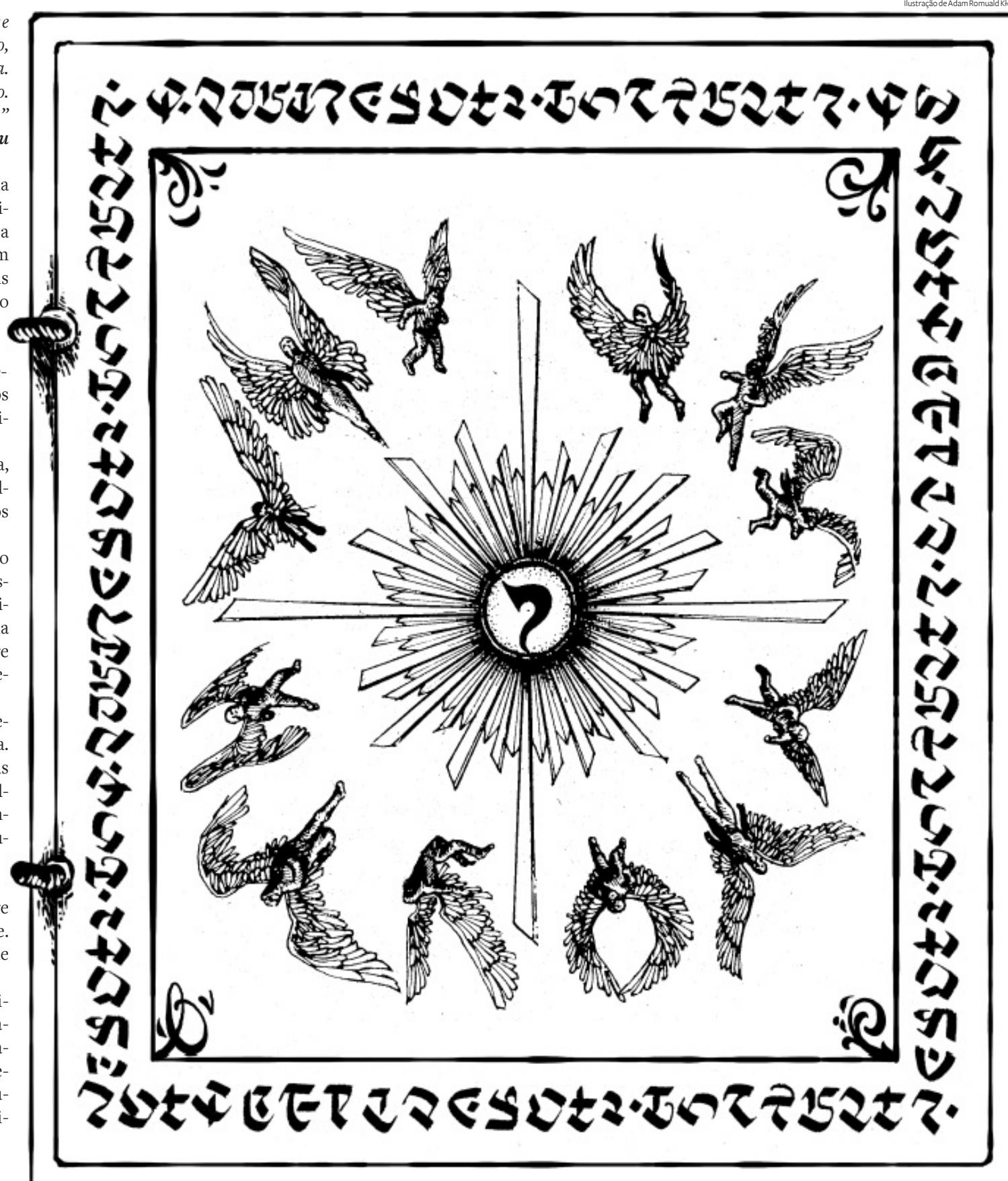
— A profecia de que Ma sempre fala, Ti, a profecia! — falou o outro. E seus olhos brilhavam. Todos os três meninos pareciam absorvidos em uma esperança contagiosa.

— Deixe-os, Ti. Venham, meninos. O que acharam?

— O livro de que falou, Ma. Aquele dos seus sonhos.

A anciã era a única que tinha sonhos. Só ela viveu antes do fim e ainda vivia, mas não sabia ser por isso. Ti, a mais jovem, já nasceria depois da hecatombe e fora salva por Ma dos lobos que atacaram seus pais. As outras crianças foram sendo achadas no caminho.

Ma tinha de certa forma uma ligação com o passado, talvez fosse a única pessoa a se recordar da grande desgraça. Sonhava mui-



to nos últimos anos, mas os sonhos foram ficando escassos e só imagens vagas restavam em sua memória. Uma delas era a de um livro. A outra, de um menino andando no meio das chamas e da fumaça. Seus olhos já a traíam àquela idade, mas conseguiu reconhecer-lhe entre os farrapos que o embrulhavam.

— Sim, meus queridos, é o livro dos meus sonhos — disse ela serenamente.

— E agora, Ma? — perguntou Ti.

— Agora precisamos lê-lo.

— Como assim? — perguntou a mais velha das meninas.

— Ler é entender o que cada um desses símbolos quer dizer, minha querida. Precisamos saber o que o livro tem a nos contar.

— Então, leia, Ma, leia — ansiavam os pe-

go. Deparou-se com lobos e mal pôde gritar por socorro.

A manhã prometia trazer novo alento ao grupo, mas Ma, mesmo tendo a alegria da compreensão na mente já cansada, sentiu a falta de seu pequeno.

— Ti, onde está Vu?

— Por que, Ma? O que houve?

— Pela água que nos dá vida, apressem-se. Ti, coloque todos de pé. Rápido!

Os lobos já despontavam no horizonte e corriam enquanto babavam. O pequeno Vu não havia sido o suficiente para toda a alcateia. As crianças correram assustadas e chorosas. Ti levava Ma apoiada no ombro enquanto os meninos corriam à frente em busca de abrigo com as mais novas no colo. Foi no susto que o primeiro menino gritou quando caiu numa fenda. O segundo não conseguiu parar e escorregou para dentro

Das Ende!

O futuro está
— e sempre estará —
nas mãos das crianças...

também. Estavam numa caverna a uns quatro metros de profundidade.

— Passem as crianças, vamos! — gritou o mais velho, enquanto o outro se recuperava da queda com as menores.

Ti foi escorregando as outras meninas a uma a uma para dentro, até que chegou a vez de Ma.

— Vamos, Ma, rápido!

— Não, minha querida, não conseguimos. Vá, pode ir.

Ti não discutiu. Abraçou-a e pularam juntas, deslizando pela parede íngreme, a tempo de sentirem o bafo quente dos lobos famintos roçar seus cabelos. Eles rosnavam e uivaram, mas não superaram o medo da altura.

— Ele mesmo causou a desgraça que estava prevista ao tentar de tudo para evitá-la — observou Ti.

— Sim — respondeu Ma —, e os demônios também não acreditaram que seriam aniquilados ao atacar os últimos celestiais. Destruíram-se uns aos outros e quase extinguiram a vida na Terra.

— E o menino? — indagou a caçula das meninas.

Ma continuou a folhear o livro, até que passou a última página.

Ele lembrou-se da súplica e do furor nos olhos do anjo tantos anos antes. Era a mesma situação.

— A chama azul tremulou. O menino escolhido lhes dirigiu um olhar triste e vazio.

— A luz revelou dentes atrás do grupo e se apagou. Junto com a última esperança do mundo.

— E onde é, Ma? — perguntou Ti.

— Não diz. Só diz que o sangue desse menino é a única coisa que pode devolver ao mundo a vida e a antiga magia. No sangue dele está toda a essência da Criação. Mas só se for dado espontaneamente.

— Por isso o anjo não conseguiu o poder que queria. O menino não quis dar o sangue — observou o mais velho dos meninos.

— Então, precisamos encontrá-lo! — exclamou Ti, com um entusiasmo incomum.

— Sim, Ti, mas não agora. Vamos passar a noite aqui. Amanhã continuaremos nosso caminho.

— Tí ficou com os dois meninos de guarda no terceiro turno. No meio da noite, avistaram uma pequena luz azulada ao longe. Parecia estar no meio do amplo vale.

— Vamos até lá ver, Ti — disse um dos meninos.

— Não. Não vou deixar acontecer com vocês o que aconteceu com Vu. Fiquem aqui. Eu vou lá. Se precisar, eu grito.

— Ela se foi. Depois de muito caminhar, começou a tropeçar em estruturas que lhe alcançavam o joelho. Só quando se aproximou da luz já débil é que as identificou. Eram ossadas, celestiais e demoníacas, muito maiores.

— Não sei. Só sei que meu sangue não tem esse poder. Eu queria que tivesse.

— Não sei, meus queridos. Mas este menino da profecia não é nenhum de vocês. Ele era um menino quando eu ainda era jovem e o fim se deu sobre o mundo.

Um vozerio se ergueu e Ti interveio novamente.

— Psiu! Querem que os lobos nos encontrem? Querem? — Olhos para a anciã. — Continue, Ma.

— Vamos, Ma, rápido!

— Não, minha querida, não conseguimos. Vá, pode ir.

Ti não discutiu. Abraçou-a e pularam juntas, deslizando pela parede íngreme, a tempo de sentirem o bafo quente dos lobos famintos roçar seus cabelos. Eles rosnavam e uivaram, mas não superaram o medo da altura.

— Ele mesmo causou a desgraça que estava prevista ao tentar de tudo para evitá-la — observou Ti.

— Sim — respondeu Ma —, e os demônios também não acreditaram que seriam aniquilados ao atacar os últimos celestiais. Destruíram-se uns aos outros e quase extinguiram a vida na Terra.

— E o menino? — indagou a caçula das meninas.

Ma continuou a folhear o livro, até que passou a última página.

Ele lembrou-se da súplica e do furor nos olhos do anjo tantos anos antes. Era a mesma situação.

— A chama azul tremulou.

— O menino, meus queridos, não seria morto na grande guerra. Ele procuraria distanciar-se de tudo, mas voltaria ao mesmo lugar onde exigiram o sacrifício dele.

— E onde é, Ma? — perguntou Ti.

— Não diz. Só diz que o sangue desse menino é a única coisa que pode devolver ao mundo a vida e a antiga magia. No sangue dele está toda a essência da Criação. Mas só se for dado espontaneamente.

— Por isso o anjo não conseguiu o poder que queria. O menino não quis dar o sangue — observou o mais velho dos meninos.

— Então, precisamos encontrá-lo! — exclamou Ti, com um entusiasmo incomum.

— Sim, Ti, mas não agora. Vamos passar a noite aqui. Amanhã continuaremos nosso caminho.

— Tí ficou com os dois meninos de guarda no terceiro turno. No meio da noite, avistaram uma pequena luz azulada ao longe. Parecia estar no meio do amplo vale.

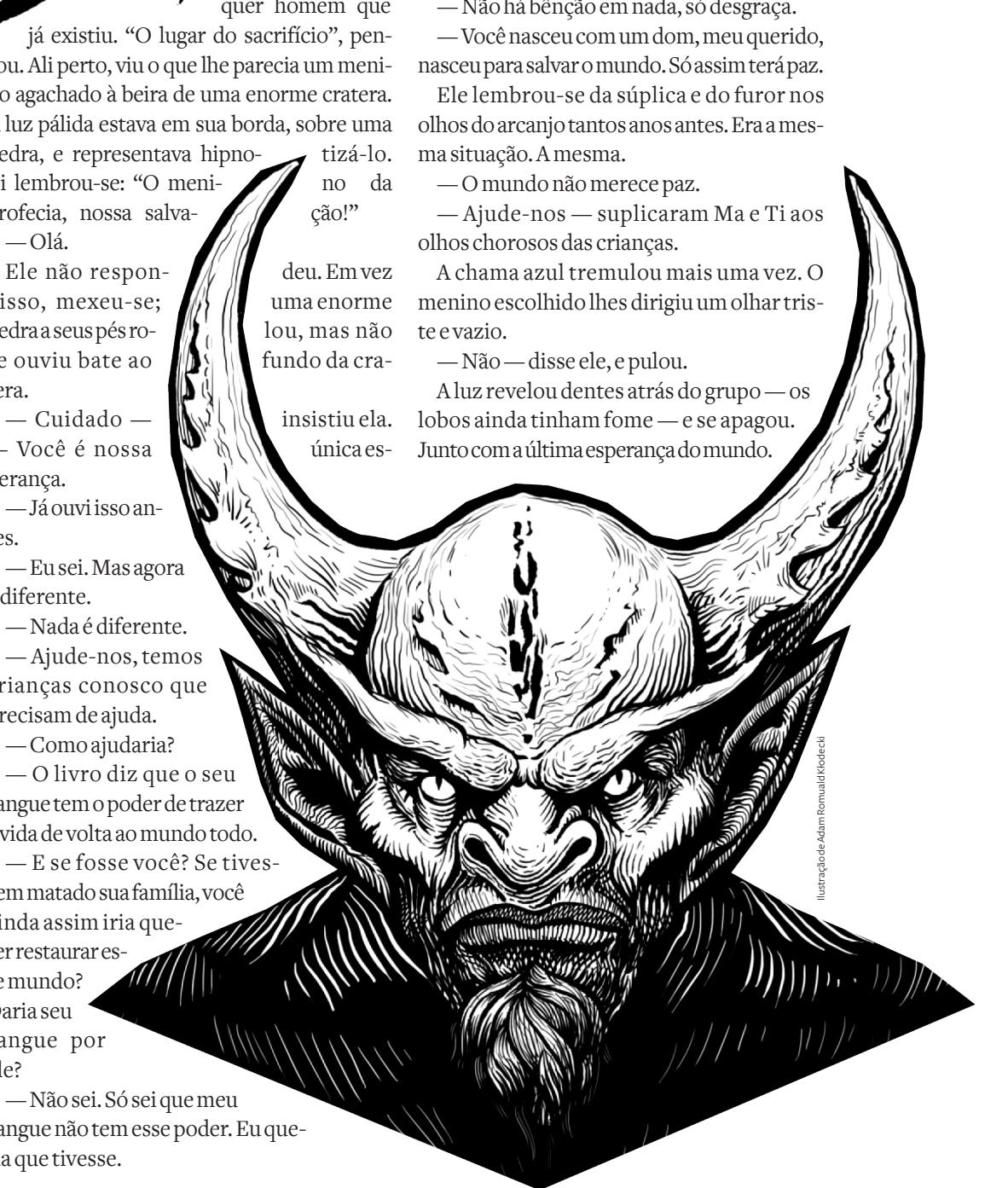
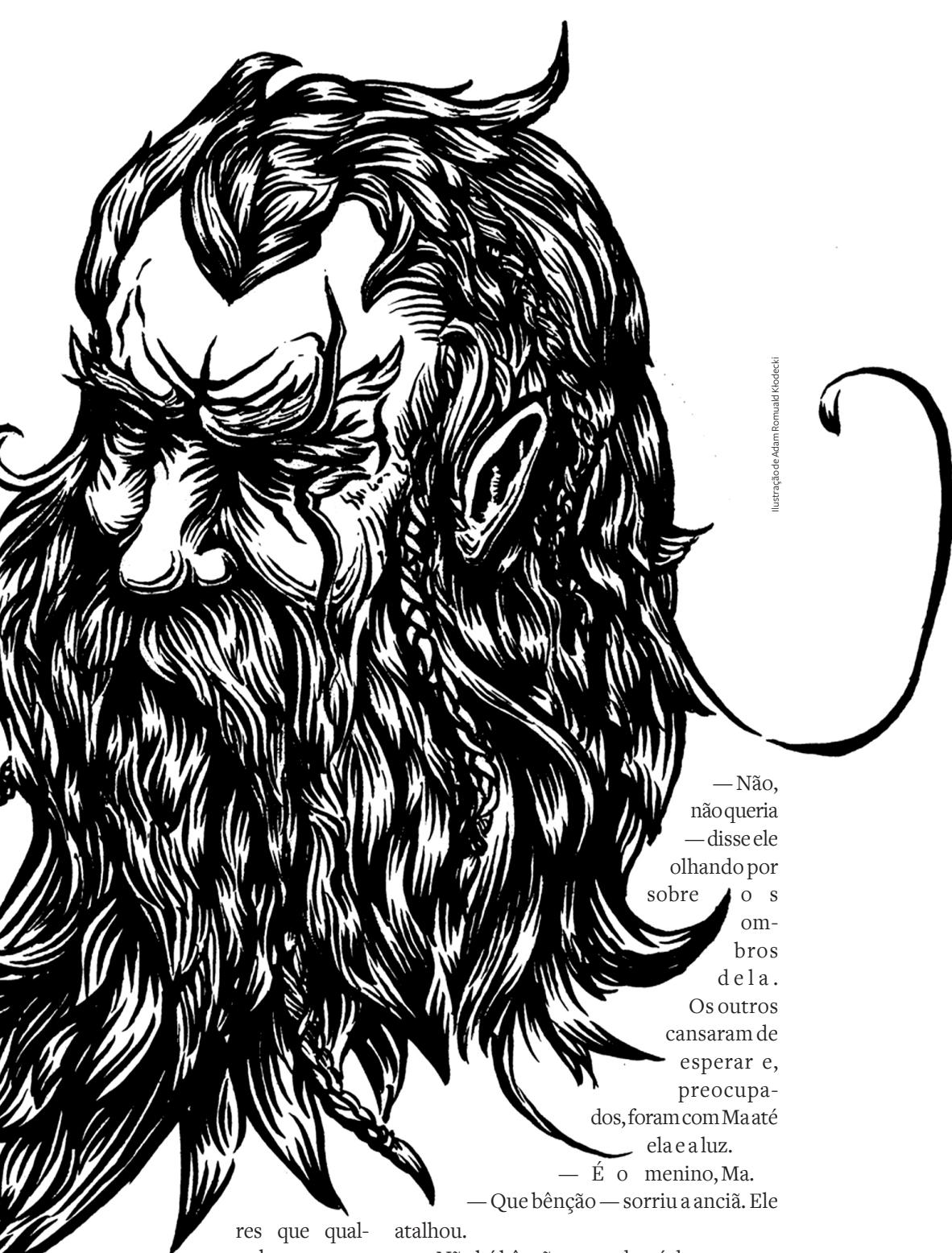
— Vamos até lá ver, Ti — disse um dos meninos.

— Não. Não vou deixar acontecer com vocês o que aconteceu com Vu. Fiquem aqui. Eu vou lá. Se precisar, eu grito.

— Ela se foi. Depois de muito caminhar, começou a tropeçar em estruturas que lhe alcançavam o joelho.

— Será que há mais alguém além de nós, então, Ma? — perguntou o mais velho.

— Será? — ecoou o outro.



MICHEL DE NOSTREDAME
NASCIDO EM SAINT-RÉMY-DE-PROVENCE, FRANÇA, EM 1503, O MÉDICO
QUE FICOU FAMOSO POR SUA SUPOSTA CAPACIDADE DE VIDÊNCIA,
COM A OBRA "AS PROFECIAS", MORREU EM SAINT-RÉMY-DE-PROVENCE, FRANÇA, EM 1566.

M. Secatto de nostra

extra
Cultura! é uma publicação do jornal
O Extra.net, concebida por O.A. Secatto
com o apoio da Confraria da Crônica.
EXPEDIENTE
EDITOR: O. A. SECATTO
COLABORADORES: GIL PIVA,
JOÃO LEONEL ZÉ RENATO E
JACQUELINE PAGGIORO
DIAGRAMAÇÃO: ALISSON CARVALHO

OAG - 205-G/A

A MORTE É MAIOR QUE ISSO.
DITO, SEMPRE MAIOR...

Poesia

Antônio Carlos Policer traz especialmente para o *Cultura!* seus poemas infantis

DIA DAS CRIANÇAS

ANTÔNIO CARLOS POLICER

A CIGARRA CICI

Cici, a cigarra,
toca guitarra
como ninguém.

Com seus acordes,
não há
quem não acorde.
Que talento ela tem!



GIRAFADA

Engraçada é a girafa.
Sendo uma que se preze,
tem pescoço de garrafa
e altura que não se mede!



O GRILLO MURILO

Murilo dizia
ser isso e aquilo,
menos grilo!

Um dia, grilado,
mandou seu recado:
“Cada um
que dê seus pulos!”



A GALINHA

A galinha
é um bicho que manja.
Ou anda na linha
ou vira canja!



A FOCA

A foca,
na toca,
faz fofoca.
Ela não se toca?

E ainda há quem diga:
“Que foca fofo!
Que fofo, foca!”



O BURRO

O burro
deu um zurro
e, assustado,
emburrou.

Empacado,
não sabia
qual o burro
que zurrou.



A COBRA

Cobra não tem perna
e anda.
Vi uma outro dia
dançando ciranda:
disse um verso
bem bonito,
disse adeus
e saiu de banda.

O MACACO CACO

Caco, o macaco,
pegou um espelhinho,
quebrou em mil partes
e fez mais caquinhas.



O ESQUILO

Um saltitante esquilo
(que não é grilo
e nem Murilo)
trouxe até nós
um monte de noz
e sua cabeça
encheu-se de nós.



*

ANTÔNIO CARLOS POLICER É INTEGRANTE
DO QUARTETO POÉTICO E COAUTOR DOS LIVROS
“ALAR” E “PALAVRA É ARTE”